

Romeu e Julieta e o Jardim de Allah

ENTRE as surpresas que o cinema americano nos reserva de quando em quando, devemos contar, como uma das mais agradáveis e de maior apreço, esta fidelíssima versão do «Romeu e Julieta», pois não é costume de além-atlântico tanta probidade artística, nem tão metuculoso cuidado em transposições deste género. Que não foi obra de brinqueio esse trabalho de levar ao «écran» o drama de Shakespeare, sem lhe alterar o sabor e as qualidades, seguindo-o fielmente cena a cena, conservando a maior parte dos diálogos originaes, criando um espectáculo diferente, delicado e vibrante, a que não falta grandeza, poesia, beleza e emoção. E tudo numa invulgar aliança do cinema com o teatro, aqui reunidos, como poucas vezes, numa harmonia raramente conseguida.

Mão habilidosa soube guiar este filme excepcional. Se o cinema cede lugar ao teatro para ouvirmos os protestos de amor de Romeu e Julieta, os discursos de Mercúrio ou as falas da velha ama, por sua vez o teatro cede lugar ao cinema como no motim da praça de Verona ou nos duelos à espada, contrapondo-se sabiamente, com aquela segurança de ligação, de encadeamento, de montagem, própria dos bons filmes americanos. E tudo isto servido, ainda, por um desempenho notável (sobretudo de parte de Norma Shearer), excelentes decors, bom comentário musical, trajos primorosos e lindíssimos sem nada do costumado ar de mascarada de que os filmes americanos de idêntico género costumam vir cheios.

//

O «Jardim de Allah», ao contrário, é uma espécie de revista de modas em dia de Natal. Uma historieta pretenciosa, aliando o inverosímil ao imbecil, põe em conflito diversos personagens bastante bizarros e de surpreendentes atitudes, desde a madre-abadessa que aconselha o Sarah como calmante até ao solícito guia que leva para os areais sem fim, balxelas, mobília, cristais e vinhos capitosos. E, no meio disto, arranja-se motivo para Marlene Dietrich exhibir, por dá cá aquela palha, duas dúzias de espampanantes toilettes, tendo por pano de fundo as areias rubras do deserto... (E o Charles Boyer, apesar de frade trapista fugido do convento, também se pavoneia num impecável fato de montar, para que se não diga que as elegâncias masculinas foram descuidadas...) Tudo isto é pintado a cores, o que realça, sem dúvida, as muitas, variadas e extravagantes toilettes da Marlene, mas dá ao filme, aliás mediocremente realizado, o aspecto duma sucessão fastidiosa e de mau gosto de bilhetes postais ilustrados.

Que não se veja nestas últimas palavras uma condenação ao cinema a cores. Esperemos que das tentativas de agora saiam progressos notáveis para o futuro. Mas enquanto não vêm esses progressos... ainda não há nada que chegue ao «prêto e branco».

Porque filmes como este... nem pintados.

ALVES COSTA

certos Juizes a ver em todo o homem um criminoso, enfileira também nas razões criadores dos erros judiciários.

A experiência tem sobejamente demonstrado que assim é a tal ponto que o doutor Palma Carlos garantiu, sem receio, o não exagero daqueles que atribuem aos juizes uma maior responsabilidade nos erros judiciários, em grande parte porque, por uma deploravel confusão, são chamados a pronunciar as condenações penais os mesmos magistrados que definem as controvérsias civis e Guilhaumet descreveu assim as qualidades do magistrado, mostrando as suas probabilidades humanas de errar:

«Teóricamente o magistrado deveria abranger a universalida-

de do saber humano; bem poucos homens poderiam por este facto ser juizes. E' preciso portanto toda uma série de conhecimentos especiais que seria imprescindível, não ignorar.

Na realidade o homem é nas coisas o que é lá procura; é ignora o que não quer saber e o erro é muitas vezes uma falta de vontade na procura da certeza».

O magistrado, não o duvidamos, deseja sempre descobrir a verdade, mas a sua boa vontade não é sempre servida com felicidade».

(Do livro em preparação: Nova Civilização Jurídica. A seguir: O caso Dreyfus e Do valor evolutivo da ciência penal).

Nós, os homens

(Continuação da página 6)

Oh! Como o Homem é mesquinho! Como é tórpe o seu coração e como é triste a sua superioridade.

A Natureza foi tam boa e tão perfeita quando o deu ao mundo que nem sequer o armou com qualquer defesa natural, a não ser as suas mãos e a lucidez do seu cérebro. Quis que fôsse o Rei, que dominasse toda a terra, mas só pela bondade e pela superioridade mental.

O Homem depois é que criou uma civilização perfeita e imperfeita: perfeita pelas suas inúmeras e maravilhosas descobertas em que a ciência se mostra sempre duma beleza infinita, imperfeita porque utilizou também essa ciência para a destruição, para o ódio e para a injustiça; porque, como a fera que se compraz em vêr o sangue ainda quente das suas vítimas, anseia ferozmente despedaçar, destruir, tingir as suas mãos nesse líquido vermelho, que não só lhe macula essas mãos mas também o carácter, e que não corre só numa pequena parte do globo: alastra numa torrente impetuosa por todo o Universo e vai espalhando á sua volta o luto e o sofrimento!

Eis porque não podemos cantar assim como vós, pequenas e gentis avezinhas! E' que o Homem sendo a obra mais perfeita da Natureza é o mais infeliz dos seus filhos porque está submetido à escravidão, à tortura que éle próprio criou...

Cantai, pois, avesitas, cantai! Cantai sempre, indiferentes à nossa dor, indiferentes a tudo o que vos rodeia. Cantai! Sede felizes, porque só nós, os Homens, inventamos a palavra Dor, porque fomos só nós, também, os seus criadores.

HANID ESTELA

N. da R.—Ser-nos-ia agradável publicar nesta secção um artigo de um leitor, tão novo como Hanid Estela, de 15 anos, que sentindo beleza e doçura na vida, compreendendo a elevação da existência humana, pudesse opôr às pessimistas conclusões publicadas palavras de sentido optimismo.

//

Sol Nascente e a Imprensa

Têm continuado a referir-se ao aparecimento de «Sol Nascente», com termos affectuosos de encorajamento, os seguintes colegas: «Arquitectura», «O Diabo», «Maria da Fonte», «O Primeiro de Janeiro», «A Republica», etc.

«A Voz do Comércio», semanário de defesa e propaganda comercial, esplendido no género, que começou a publicar-se em Lisboa a par de «Sol Nascente», elogia a nossa obra de cultura e deseja-nos longa vida.

A todos, os nossos agradecimentos.